

TRADUÇÃO

A pornografia da morte

GEOFFREY GORER
(autor)¹

THIAGO SITONI GONÇALVES
(tradutor)²

*“Nascimento, e copulação, e morte.
Esses são todos os fatos quando vais ao que interessa;
Nascimento, e copulação, e morte”*
T. S. Elliot, Sweeney Agonistes (1932)

Pornografia é, sem dúvida, a face oposta, a sombra, do pudor, ao passo que obscenidade é um aspecto de decoro. Nenhuma sociedade tem sido lembrada por não ter suas regras de decoro, de palavras ou ações que provocam desconforto e vergonha em alguns contextos, embora sejam essenciais em outros. As pessoas antes, a quem devem manter um decoro vigilante, variam de sociedade para sociedade: todas as pessoas do sexo oposto ou todos os jovens, ou todos os idosos, ou algum sogro, ou alguém socialmente superior ou inferior, ou o neto de alguém tem sido selecionado em diferentes sociedades como grupos nos quais a presença do emprego de certas palavras ou na performance de certas ações devem ser consideradas ofensivas; e então essas palavras ou ações tornam-se carregadas com efeito. Há uma tendência para essas palavras e ações estarem relacionadas ao sexo e à excreção, porém isso é nem necessário ou universal; de acordo com Malinowski, os Trobrianders cercam comer com tamanha vergonha quanto excreção; e em outras sociedades, nomes pessoais ou aspectos ritualísticos estão sob os mesmos tabus.

Regras de decoro são aparentemente universais; e a não observância dessas regras ou anedotas que envolvem a quebra de regras, provoca um tipo peculiar de risada que parece idêntica no mundo inteiro; porém pouco pode saber sobre uma estranha sociedade; contudo pouco pode saber sobre as funções da risada na

¹ GORER, G. *The pornography of death*. In: *Encounter.*, v. 5 n. 4. p. 49-52, 1955.

² Psicólogo formado pela Universidade Paranaense (UNIPAR), mestre e doutorando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: thiagositonipsi@gmail.com

sociedade (e esses, podem ser bem variados), alguém pode imediatamente dizer quando pessoas estão rindo de uma piada obscena. O topo da piada pode ser “e então ele comeu toda refeição na frente deles!” ou “ela usou o nome do seu marido na presença da mãe dele!” mas o riso é o mesmo; os tabus de decoro têm sido quebrados e o resultado é hilário. Tipicamente, tal risada é restrita a um grupo de um sexo e é mais comum com os jovens, já entrando nas complexidades da vida adulta.

Obscenidade então é universal, um aspecto do homem e da mulher vivendo em sociedade; em todo lugar e em todos os tempos existem palavras e ações que, quando inoportunas, podem produzir choque, vergonha social e risada. Pornografia, por outro lado, a descrição das atividades tabus de produzir alucinações e ilusões, parece ser um fenômeno bastante raro. Pode, provavelmente, surgir em sociedades alfabetizadas e nós certamente não temos registros das não-alfabetizadas; enquanto para o gozo da obscenidade é predominante social, o gozo da pornografia é predominantemente privado. As fantasias das quais a pornografia deriva pode, certamente, ser criada por qualquer sociedade; mas parece duvidoso se elas podem ser comunicadas sem o intermediário do letramento.

A única exceção possível a essa generalização é o uso das artes plásticas sem qualquer letra. Eu nunca senti tanta certeza que as *poses artísticas* tridimensionais em tantos templos hindus (notadamente no “Black Pagoda” no Konarak) têm realmente o pretensioso Culto da Força da Vida ou A Glorificação do Aspecto Criativo do Sexo qual seus apologistas reivindicam por eles; vários deles parecem-me imagens bastante “sensíveis”, apesar da habilidade com as quais elas são executadas. Existem também as xilografuras eróticas do Japão; mas várias evidências sugerem que essas são ao modo de uma anedota (i.e. obsceno) entre os próprios japoneses. Não temos nenhum conhecimento das funções da poesia peruana.

Até onde vai meu conhecimento, a única sociedade asiática que tem uma duradoura tradição de literatura pornográfica é a China; e parece que a vida social sob Manchus era cercada pela mesma neblina de pudor como distinguida no século XIX na Europa e nas Americas, embora a ênfase caísse diferentemente; os

pés deformados das mulheres parecem ser o maior foco de espio e de risotas, do que seus cotovelos ou o decote entre seus seios. Mas pela longa vida em Manchus, a China parece ter tido praticamente tão cheia de “inomináveis” quanto o auge em Victória.

Pornografia pareceria estar concomitante ao pudor e comumente, os períodos de maior produção de pornografia também tem sido os maiores períodos de pudor desenfreado. Em contraste com a obscenidade, a qual é sobretudo definida pela situação; o pudor é definido pelo objeto; algum aspecto da experiência humana é tratado como inerentemente vergonhoso ou aberrante, portanto, não se pode nunca ser discutido ou referido publicamente, e a experiência disso tende a ser clandestina e acompanhada de sentimento de culpa e indignidade. O inominável aspecto da experiência então tende a tornar um assunto de tamanha fantasia privada, mais ou menos realista, fantasia carregada de prazer culposo ou culpa prazerosa; aqueles a quem o poder de fantasiar é fraco, ou a quem os desejos são insaciáveis, constituem um mercado para fantasias fotografadas do pornógrafo.

Tradicionalmente e no significado lexicográfico do termo, pornografia tem sido entendida com a sexualidade. Para melhor parte dos últimos duzentos anos de cúpula, (ao menos no meio das décadas Vitorianas) o nascimento eram os “inomináveis” da tríade das experiências humanas básicas que “são todos os fatos quando vais ao que interessa,” no entorno do qual giram as fantasias privadas e as pornografias semiclandestinas erguidas. Durante a maior parte desse período não havia mistério, exceto no sentido que a morte é sempre um mistério. Crianças eram encorajadas a pensar sobre a morte, sua própria morte e a edificação ou cautela do leito de morte dos outros. Pode ter sido um raro indivíduo quem, no século XIX com sua alta mortalidade não tinha testemunhado ao menos uma morte, tanto quanto prestar suas condolências aos “belos falecidos”; funerais eram a ocasião da maior exibição da classe operária, da classe média e aristocrática. O cemitério era o centro de cada cidade antiga e eles eram proeminentes na maioria das cidades. Era justamente tarde no século XIX quando a execução de crimes parara de ser uma atração pública também, quanto um aviso público. Sr. Fairchild

não tinha dificuldade de encontrar um decorado e vestível pelourinho para suas lições morais.

No século XX, contudo, parece ter tido uma banal mudança no pudor; considerando que copulação tem sido mais e mais “nomeável”, particularmente nas sociedades anglo-saxões, a morte tem se tornado mais e mais “inominável” *como um processo natural*. Eu não posso lembrar de uma novela ou uma peça dos últimos vinte anos ou mais que possui uma “cena de leito de morte”, descrevendo detalhadamente a morte “de causas naturais” de um personagem principal; esse tópico é uma peça conjunta dos escritores mais Vitornianos e Edwardianos, evocando sua mais fina prosa e seu mais elaborado efeito técnico em produzir a maior quantidade de páthos e de identificação.

Uma das razões, imagino, para essa plethora de cenas de leito de morte – distantes de suas emoções intrínsecas e conteúdo religioso – era que existia relativamente poucas experiências em que um autor podia ser razoavelmente claro, teria sido compartilhado por uma vasta maioria de seus leitores. Questionando meus velhos conhecidos, eu não consigo encontrar alguém com mais de sessenta anos quem não testemunhou a agonia de, ao menos, um parente próximo; não penso que conheço uma pessoa se quer aos trinta anos quem tem tido uma semelhante experiência. Certamente, meus conhecidos são nem muito extensos nem particularmente representativos; mas nessa instancia, penso ser típico da mudança de atitude e de “exposição”.

O processo natural de corrupção e declínio tem sido discutido, tão discutido quanto o processo natural do nascimento e copulação eram séculos atrás; preocupação sobre tal processo é (ou era) mórbido e insalubre, a ser desencorajado em tudo e ser punido na juventude. Nossos grandes avós diziam que bebês eram encontrados debaixo de arbustos de groselha ou repolho; é provável que nossos filhos sejam informados de que aqueles que faleceram (ora! no grosseiro monossílabo anglo-saxão) transformaram-se em flores ou descansaram em lindos jardins. Os fatos feios são implacavelmente escondidos; a arte de embalsamadores é uma arte de completa negação.

Parece possível traçar uma conexão entre a mudança dos tabus e a mudança nas crenças religiosas. No século XIX, a maioria dos habitantes dos estados

protestantes parecem ter se inscrito nas crenças paulinas na pecaminosidade do corpo e uma certeza do pós vida. “Então também é a ressurreição da morte. É semeado em corrupção; é erguido na incorrupção: é semeado na desonra; é erguido na glória”. É possível insistir na corrupção de um corpo morto, e na desonra de sua santidade, enquanto há uma viva crença na incorrupção e na glória de uma parte imortal. Mas na Inglaterra, a qualquer custo, crer na vida futura como ensinado na doutrina cristã é muito incomum atualmente mesmo nas minorias de quem vai à igreja ou reza em uma parte consistente de suas vidas; e sem tamanha crença, a morte natural e a decomposição física podem tornar-se tão horrível de contemplar ou de discutir. Parece sintomático que a seita contemporânea da Ciência Cristã deva negar o fato da morte física, mesmo a estender (então é dito) da recusa de permitir a palavra de ser impressa na *Christian Science Monitor*.

Durante o último meio século, os parâmetros de saúde pública e a medicina preventiva tem tornado natural a morte entre os mais jovens membros da população, muito mais incomum do que tem sido nos períodos anteriores, tanto que uma morte na família, salvo na plenitude do tempo, tornou-se um incidente relativamente incomum no cotidiano; e, simultaneamente, a morte violenta aumentou de maneira incomparável na história humana. Guerras e revoluções, campos de concentração e rixas de gangues eram a mais causas mais publicadas dessas mortes violentas; mas a difusão do automóvel, com sua constante e despercebida ferramenta de acidentes fatais, podem bem ter sido mais influentes em trazer a possibilidade da morte violenta dentro das expectativas do cumpridor da lei em tempos de paz. Enquanto a morte natural torna-se mais e mais sufocada no pudor, a morte violenta tem jogado uma parte crescente nas fantasias ofertadas às grandes audiências – histórias de detetive, thrillers, filmes, histórias de guerra, histórias de espião, ficção científica e eventualmente quadrinhos de horror.

Parece existir um número de paralelos entre as fantasias que excitam nossa curiosidade sobre o mistério do sexo, e aquelas que excitam nossa curiosidade sobre o mistério da morte. Em ambos os tipos de fantasia, as emoções que são tipicamente concomitantes das ações – amor ou luto – são pagas com pouco ou sem atenção, enquanto as sensações são aprimoradas tanto quanto uma pobreza

habitual da linguagem permite. Se a relação conjugal está considerada pela expressão natural do sexo para a maioria da humanidade na maior parte do tempo, então “sexo natural” performa tanto um pequeno papel quanto “morte natural” (às tentativas desajeitadas de D. H. Lawrence e Jules Romain de descrever o “sexo natural” realisticamente, mas magnificamente prova a regra). Nenhum tipo de fantasia pode ter algum real desenvolvimento, de uma vez o protagonista tem feito algo, ele ou ela deve proceder a fazer algo mais, com ou a outro alguém, mais refinado, mais complicado, ou mais sensacional do que o que teve ocorrido antes.

Esse outro alguém não é uma pessoa; é tampouco um conjunto de genitais, com ou sem características sexuais secundárias, ou um corpo, talvez capaz de sofrer dor tanto quanto morrer. Já que a maioria das línguas são relativamente pobres em palavras ou construções para exprimir o prazer intenso ou dor intensa, as porções escritas de ambos os tipos de fantasia abundam em conglomerações onomatopeicas de letras destinadas a evocar a visão, os suspiros, gemidos, gritos e chocalhos concomitantes às ações descritas. Ambos os tipos de fantasia residem pesadamente no adjetivo e semelhante. Ambos os tipos de fantasia são completamente irrealistas, desde que eles ignorem todo físico, social ou limitações legais, e ambos os tipos tenham alucinações completas do leitor ou do espectador como seu tema.

Parecer haver pequenas questões que o instinto daqueles intrometidos censuradores, preocupados com a moral dos outros, estavam corretos quando eles vincularam a pornografia da morte com a pornografia do sexo. Esse, contudo, parece ser a única coisa que tem sido correto em suas deduções ou ações atendidas. Não há evidência válida a supor que algum tipo de pornografia é uma incitação ao ato; ao contrário, são gratificações substitutas. A crença que tal trabalho alucinatório incitaria seus leitores a copiar as ações retratadas pareceria ser homenagem indireta ao tardio Oscar Wilde, quem descreveu um tamanho processo em *O Retrato de Dorian Grey*; conheço da paralela não autenticada na realidade, embora investigadores e magistrados com abelhas em seus gorros podem normalmente persuadir jovens delinquentes a admitir uma exposição a qualquer massa de meio de comunicação. Eles estão escolhendo formar um bode expiatório.

Apesar de alguns percursores talentosos, tal como Andréa de Nerciat ou Edgar Allan Poe, vários trabalhos em ambas as pornografias são esteticamente censuráveis; mas é questionável se, desde o puro ponto de vista estético, há tanto mais a ser dito para maior parte da mais anódina tarifa oferecida pela comunicação de massa midiática. Utópicos psicológicos tendem a condenar gratificações substitutas tanto quanto, ao menos onde a copulação está envolvida; eles até agora têm sido cautelosos em lidar com a morte.

No entanto, pessoas precisam chegar a um acordo com os básicos fatos do nascimento, copulação, e morte, e de algum modo aceitar suas implicações; se o pudor social previne seu ser feito em uma aberta e dignificada moda, então será prevenido sorrateiramente. Se temos aversão a pornografia moderna da morte, então devemos retornar a morte – morte natural – seu desfile e publicidade, readmitir o luto e o enlutamento. Se fazemos da morte inominável na sociedade politizada – “não antes das crianças” – nós quase garantimos a continuação de um “quadrinho de horror”. Nenhuma censura tem sido realmente efetiva.